

PUBLICIDADE E VISUALIDADE: A REVISTA S.PAULO COMO ESPAÇO MIDIÁTICO DO CAMPO
CIENTÍFICO PAULISTA EM 1936

ADVERTISING AND VISUALITY: THE MAGAZINE S.PAULO AS A MEDIA SPACE OF THE SÃO PAULO SCIENTIFIC FIELD
IN 1936

George Leonardo Seabra Coelho*
george.coelho@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo, problematizaremos as formas como a revista *S.Paulo* (1936) publicizou o ideário bandeirista através da divulgação das ações do governo de Armando de Salles no campo da ciência e da saúde. Este estudo se debruçará sobre novos aspectos referentes ao ideário do Movimento Bandeira. Consideramos, também, que a leitura da revista *S.Paulo* foi relevante, pois através dela problematizamos a interação entre publicidade e os usos políticos das fotomontagens. Por meio da perspectiva metodológica da visualidade, veremos como as estratégias visuais foram apropriadas para comunicar as ações do governo paulista no campo das ciências sob a ótica do ideário político dos “novos bandeirantes”.

PALAVRAS-CHAVE: Fotomontagem; Bandeirismo; Propaganda.

ABSTRACT: In this article, we invite the reader to learn about the ways in which the magazine *S.Paulo* (1936) publicized the flagist ideology through the disclosure of the actions of the government of Armando de Salles in the field of science and health. This study will focus on new aspects concerning the ideology of the Flag Movement. We also consider that the reading of *S.Paulo* magazine was relevant, because through it we problematize the interaction between advertising and the political uses of photomontages. Through the methodological perspective of visuality, we will see how the visual strategies were appropriated to communicate the actions of the São Paulo government in the field of sciences from the viewpoint of the political ideology of the “new bandeirantes”.

KEYWORDS: Photomontage; Bandeirantes; Advertising.

Introdução

As questões entre ciência, saúde e doença e, acima de tudo, seus impactos nas sociedades ganharam novas conotações através dos meios de comunicação ao longo do século XX. Nesse bojo, surgiram preocupações que abrangeram a higiene e a saúde pública que podem ser investigadas através das diferentes formas textuais e visuais. Entendemos que essa temática e suas abordagens a partir da perspectiva dos Estudos Visuais podem desvelar os comportamentos e as ideias compartilhadas pelos sujeitos que produzem e consomem os textos e as imagens.

O campo dos Estudos Culturais e seus desdobramentos nos Estudos Visuais vêm, nas últimas décadas, abrindo possibilidades para reconstituir os comportamentos e as ideias

* Docente na Universidade Federal de Tocantins. Possui doutorado em História pela Universidade Federal de Goiás.

compartilhadas. Como fundamento metodológico, Martín (2013) enfatiza que o olhar e a representação tornaram-se conceitos imprescindíveis para compreender a produção/transformação da linguagem e da cultura, para não dizer dos discursos. No que concerne aos usos das imagens na produção dos discursos, Barbosa (2010) defende que as revistas do primeiro quartel do século XX “foram os grandes veículos das vanguardas e, na dimensão visual, suporte de novas experiências imagéticas [...] com forte conteúdo político” (BARBOSA, 2010, p. 54).

A partir da perspectiva da visualidade¹ é possível analisar as formas como as fotomontagens foram apropriadas na propaganda política veiculada pela revista *S.Paulo*. Para avaliar esses recursos visuais, as contribuições de Ades (2002), Fabris (2003, 2005), Takami (2008) e Berger (2013) são indispensáveis. Compartilhando dos apontamentos destes autores, examinamos a mensagem visual, as concepções estéticas e as estratégias de comunicação dessa revista. Defendemos que a “modificação do olhar” e a publicização de “novos valores” foram os principais objetivos das reportagens veiculadas pelo mensário. Entendemos que o repertório imagético deste periódico foi organizado para publicizar os avanços que o governo de Armando de Salles Oliveira proporcionou no campo das ciências, saúde e no combate as doenças no ano de 1936. Interessa-nos, em especial, interrogar por meio de quais procedimentos simbólicos e técnicos ocorreu a modificação do olhar e a afirmação dos valores modernos e políticos.

Para discutir os usos destes recursos visuais, nos debruçamos sobre o processo de criação do referido periódico e nos posicionamentos políticos dos seus diretores: Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia. As interfaces entre o ideário político dos editores e o discurso publicitário são relevantes para destacar a apropriação e o consumo das imagens políticas transvertidas de informação científicas. Tais interfaces orientaram na escolha das imagens: “Faculdade de Medicina” (Figura 1), “Instituto de Pesquisas Tecnológicas” (Figura 2), “Butantan” (Figura 3), “Capa do sétimo número da revista” (Figura 4) e “Secretaria de Saúde Pública” (Figura 5). Entendemos que a escolha desse conjunto imagético fornece subsídios para entendermos como estruturou-se o ideário do mensário e, substancialmente, como se deu o uso político da fotomontagem, pois os redatores buscam associar as ações do governo

¹ Neste estudo, a visualidade é “entendida como posição de produção de sentido e de subjetividade [...] que tente comunicar algo a alguém, independentemente de se essa representação se produz em imagens ou não” (MARTÍN, 2013).

de Armando de Salles e os avanços tecnológicos como partes de um mesmo projeto (BERGER, 2013).

Na primeira seção, intitulada *O Movimento Bandeira e a Revista S.Paulo em defesa da memória dos heróis paulistas*, apresentamos os princípios que norteavam o Movimento Bandeira e a estruturação da revista. Na segunda seção, intitulada *Ciência e saúde: da Faculdade de Medicina à Secretaria de Saúde Pública do estado de São Paulo*, analisamos como o arcabouço ideológico bandeirista² foi posto como estratégia discursiva para compor a visualidade da revista *S.Paulo*. Baseado nesse plano, trabalhamos as formas como esse conjunto imagético foi apropriado para transmitir o ideário bandeirista. Ao examinar essa mensagem visual, convidamos o leitor a conhecer as estratégias visuais que comunicaram as ações do governo paulista no campo das ciências sob a ótica do ideário político dos “novos bandeirantes”.

O Movimento Bandeira e a revista S.Paulo em defesa da memória dos heróis paulistas

Para contextualizarmos a atuação do Movimento Bandeira, é necessário trazer as considerações de Gomes (1982) e Oliveira (1980). As autoras sustentam que a década de 1930 abriu, ao campo das ideias políticas, novas possibilidades de ordenamento social. Nessa arena, alguns intelectuais redefiniram sua atuação política, entre eles, Ricardo e Picchia. Desta redefinição, surgiu o ideário do Movimento Bandeira, o qual buscou combater o Comunismo, o Integralismo e o Liberalismo. Ao se contrapor a essas ideias, os bandeiristas defenderam a instauração do Estado Forte e da Democracia Social Nacionalista no Brasil.

Apesar de pouquíssimos estudos sobre o Movimento Bandeira, essa agremiação foi abordada por alguns autores, entre eles, Guelfi (1987). Ao estudar a atuação do corpo editorial da revista *Novíssima* (1923-1927) e seus desdobramentos na década de 1930, a autora supôs que os bandeiristas se colocaram como terceira opção contra o Comunismo e o Integralismo, pois ofereceria um modelo político “mais ajustado” à condição brasileira. Discordamos dessa proposição, visto que os bandeiristas não se colocavam simplesmente como terceira via, mas como uma quarta opção frente o Comunismo, o Integralismo e o Liberalismo (COELHO, 2015).

² O termo bandeirista tem o mesmo valor de “novos bandeirantes”, ambos farão referência aos integrantes do Movimento Bandeira.

Outra interpretação sobre os “novos bandeirantes” foi levantada por Batista (1985). Ao estudar a história do Monumento às Bandeiras erigido no Parque do Ibirapuera em São Paulo, a autora simplificou o fato de o Movimento Bandeira ser “uma versão de integralismo mergulhada em paulistanidade” (BATISTA, 1985, p. 51). Não reconhecemos que o Integralismo e o Bandeirismo sejam movimentos com profundas diferenças, mas é importante destacar algumas discrepâncias. A primeira está no fato de que o Integralismo era contrário à autonomia dos Estados e o Bandeirismo era federalista. Outro contraste refere-se ao fato de que o Integralismo era um partido político-eleitoral, enquanto o Bandeirismo era um movimento político-cultural. A partir desses dois apontamentos, deduzimos que o Bandeirismo não era apenas um Integralismo transvestido em paulistanidade, mas um movimento com um programa distinto do projeto de Plínio Salgado.

Outro pesquisador que teceu comentário sobre o Movimento Bandeira foi Marins (2003). Também estudando a história do Monumento às Bandeiras, o autor defendeu que o Bandeirismo reinterpreto o “mito bandeirante” para um modelo a ser seguido por todos os brasileiros. Concordamos com essa assertiva, mas damos um passo adiante. Além de elaborar a releitura do “mito bandeirante” para abarcar todos os brasileiros em uma comunidade imaginada, os bandeiristas reformularam esse mito para combater as “ideologias forasteiras”, defender a candidatura de Armando de Salles à Presidência da República e denunciar o autoritarismo de Vargas (COELHO, 2020).

Consideramos que ao se lançarem na arena política, os “novos bandeirantes” se ancoravam em quatro orientações básicas, que são: incorporar a atualidade sem quebrar as tradições; valorizar a cultura brasileira, acima de tudo, a língua; negar os estrangeirismos; e, por fim, defender a arte com cunho político (VELLOSO, 1983; CAMPOS, 2007; COELHO, 2015). Ao apropriarem-se do “mito bandeirante” como símbolo para seu projeto político-cultural, os bandeiristas construíram uma relação peculiar entre o tempo – passado e presente – e o espaço – região paulista –, bem como, uma associação *sui generis* entre a tradição e o moderno. Para os bandeiristas, somente com a união entre a tradição – o passado paulista – e o moderno – modernismo e industrialização – seria possível solucionar os dilemas políticos da década de 1930.

O manifesto bandeirista (1936) foi um documento basilar do ideário dessa organização político-cultural³. Sendo um movimento marcado pelo culto à tradição, à hierarquia social, à disciplina e à ordem, os bandeiristas reproduziram o pensamento autoritário marcado pela democracia restrita, o combate à fragmentação partidária e a defesa do Estado forte. Para respaldar esse pensamento, o “mito bandeirante” foi apropriado e posto – em uma relação entre história, literatura e a política – como um ideal a ser seguindo. Antes de analisarmos como essa revista divulgou o ideário bandeirista e, concomitantemente, propagandeou o governo de Armando de Salles, torna-se necessário entender como Ricardo e Picchia chegaram à posição de publicistas do governo armandista.

A vitória das tropas federais sobre a Revolta Constitucionalista em 1932 não encerrou o impasse entre São Paulo e o Governo Provisório, uma vez que Vargas deveria decidir sobre o futuro político dos paulistas. A primeira medida foi nomear o general Waldomiro de Lima como interventor. Meses depois, Vargas consultou os paulistas por meio de listas de indicação e Armando de Salles – único nome que constava em todas elas – foi nomeado interventor em 1933. Em 1934, a convite do novo interventor, Ricardo assumiu a função de Secretário no Gabinete do Governo e convidou Picchia para assessorá-lo. Ao serem reconduzidos à administração pública, os dois escritores assumiram as funções de propagandistas do governo, posição que foi reforçada através da revista *S. Paulo*.

A revista *S. Paulo* foi lançada em 31 de dezembro de 1935 e circulou apenas no ano de 1936 sob a direção de Ricardo, Picchia e Levém Vanpre⁴. Esse periódico foi impresso em grande formato (33cm×45cm) com algumas páginas – 24 páginas (exceto o exemplar 10, com 36 páginas) – desdobráveis⁵ que trabalhavam com a linguagem dos cartazes (MENDES, 1994; BARBOSA, 2010). Foi a primeira revista editada em rotogravura no Brasil, processo de impressão que, segundo Silva (2014), começou a ser utilizado na década de 1930. As principais características da impressão em rotogravura eram: a alta velocidade de impressão em todas

³ O manifesto foi assinado por Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, José de Alcântara Machado, Vicente Rão, Rubens do Amaral, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Paulo Prado, Fonseca Teles, Plínio Barreto, Reynaldo Porchat, Almeida Prado, Taunay, Paulo Setúbal e Waldomiro Silveira.

⁴ A periodicidade foi mensal até o oitavo número, passando a ser bimestral nos dois últimos. O periódico foi impresso pela *Graffcars*, com fotografias de Theodor Pressing e Benedito J. Duarte. A publicação contava com a produção gráfica de Lívio Abramo, tendo como redatores Osmar Pimentel e Francisco de Castro Neves. Sendo um dos objetivos divulgar o estado paulista internacionalmente, a partir do segundo número encontramos textos em inglês escritos por J. T. W. Sadler.

⁵ As páginas desdobradas no sentido horizontal tornavam-se páginas duplas (45cm×66cm) ou, às vezes, páginas triplas (45cm×99cm).

as cores, bem como, a possibilidade de impressão em frente e verso em uma só passagem de máquina. Essa técnica foi uma inovação para a época, sua adoção expunha o fato de que o governo de Armando de Salles não poupava recursos para sua autopromoção.

Mendes (1994) sublinha que esse órgão publicitário contava com um projeto gráfico ousado. Sendo comum a ocorrência da dissolução de textos no interior das imagens, o uso de grades flexíveis, a manipulação do texto como objeto visual e, fundamentalmente, a fotomontagem. Mendes (1994), Barbosa (2010) e Gravitol (2011) levantam a tese de que a fotografia era peça fundamental na estética da revista e, por isso, os textos cumpriam uma função acessória. Ainda, sobre a ousadia em sua composição, Takami (2012) lembra que dois fotógrafos (Pressing e Duarte) e um gravador (Abramo) eram responsáveis pelo projeto gráfico, o qual tinha o caráter propagandístico e experimental ligado às vanguardas artísticas europeias: dadaísta e construtivista.

É consenso entre os estudiosos da revista *S. Paulo* que sua equipe técnica procurou uma estética que abrangesse a modernização local e, concomitantemente, fosse capaz de difundir os feitos do governo estadual. Barbosa (2010) frisa que esse periódico adotou um conjunto de imagens carregadas com uma retórica de engajamento. Para o autor, essa retórica contribuiu de forma substancial para a construção de um determinado “imaginário político” (BARBOSA, 2020, p. 54).

No que concerne ao uso das fotomontagens, Barbosa (2010) acentua que esse era um recurso gráfico já conhecido por editores, fotógrafos e o público desde o final do século XIX. Na segunda década do século XX, a fotomontagem – tanto dadaísta quanto construtivista – abriria ao artista a utilização de “*diseños y texturas independientes del mundo visible y com infinitas posibilidades*” (ADES, 2002, p. 147). Fabris (2003) afirma que, em síntese, essa técnica se resumia na mescla de materiais heterogêneos dentro de uma mesma produção pictórica. Ao negar os materiais tradicionais da arte e recriar a técnica da colagem, a fotomontagem colocou em xeque a ideia convencional de representação. De um lado, pela referência a uma realidade exterior e, de outro, pela negação dessa possibilidade em virtude da integração do fragmento do real em um novo arranjo compositivo.

Na década de 1930, tanto na Rússia Soviética quanto na Alemanha nazista os usos da fotomontagem eram elementos estéticos comuns na luta política. Sobre a forma com a fotomontagem se organizou, vemos claramente que as influências da estética moderna

possibilitaram que junções de diversos fragmentos fugissem da monotonia da arte tradicional e proporcionassem a ampliação das dimensões do real (KLAUSS, 1985). Berger (2013, p. 39) entende que a fotomontagem se tornou “um meio sutil, mas vívido, de educação política, e mais exatamente de educação marxista”. Na fotomontagem, o artista recorta “acontecimentos e objetos das cenas às quais eles pertenciam originalmente. Depois, dispõe esses elementos numa nova cena, inesperada e descontínua, para ressaltar uma ideia política” (BERGER, 2013, p. 40). Ao estudar as fotomontagens produzidas na Rússia pós-revolucionária, Fabris (2005, p. 100) nos lembra que essa modalidade de arte ganhou “significados diferentes em relação às experimentações dos artistas ocidentais”, tornando-se uma arte “militante e política”. Nesta nova configuração, o artista teria a liberdade para elaborar uma fotomontagem militante conectada com a política revolucionária, com o progresso tecnológico e com as novas formas da cultura de massa.

Ao falar do apoio de Armando de Salles, Ricardo (1970) recorda que a publicação da revista somente foi possível graças ao Serviço de Publicidade e Informação criado em seu governo. O memorialista nos informa que o primeiro fascículo teve tiragem “de 40.000 exemplares (cifra enorme na época)”, esgotando-se “em menos de uma semana” (RICARDO, 1970, p. 69). Ricardo faz questão de informar – em suas memórias – que a revista havia sido bem recebida por diversas personalidades políticas, entre elas: Vicente Rao, Lourival Fontes, Cláudio de Sousa, Paulo Setúbal, Stefan Zweig e Mario de Andrade.

Diversos periódicos nacionais divulgaram a revista *S.Paulo*, entre eles, o *Diário da Manhã*. Nas páginas do jornal capixaba, a revista paulista foi apresentada como “esplêndida” devido as “vistas gravuras” (REVISTA..., 1936, p. 1). Neste periódico, a revista foi posta como uma publicação “que honra o Brasil” que poderia “figurar com vantagem nos centros mais adiantados do mundo” (REVISTA..., 1936, p. 1). Jonas Farias (1936, p. 1) ressaltou que esse veículo midiático é uma “linda revista” e fonte importante para divulgar o desenvolvimento econômico paulista. Ciro Vieira da Cunha (1936) também deixa sua opinião no jornal *Diário da Manhã*. Na ocasião, Cunha (1936) apresentou sua posição sobre o papel da imprensa e, assim, utilizou a revista *S.Paulo* como exemplo. O comentarista defendia que a imprensa deveria “pôr em realce o estímulo” e elaborar uma “imagem sinestésica” (CUNHA, 1936, p. 1). Ao entender que o “estímulo visual é ‘fator’ psicológico fundamental”, o colunista ressaltou que a revista *S.Paulo* tornou-se “um filme cheio de movimento” (CUNHA, 1936, p. 1).

Jornais cariocas também informaram sobre a revista paulista. Uma nota no jornal *Correio da Manhã* anunciou a publicação da “revista de propaganda” intitulada *S. Paulo*. De acordo com a nota, essa revista era “uma excelente publicação em rotogravura, com muito bom texto e admirável trabalho gráfico” (ESTÁ..., 1936, p. 3). A seção “Publicações” – do jornal *Gazeta de Notícias* – noticiou que já estava à venda⁶ o 9º número do mensário paulista. Assim, a revista – com suas “belas e sugestivas gravuras” – foi apontada como o “mais completo órgão de propaganda [...] daquele Estado” (PUBLICAÇÕES, 1936, p. 8).

A publicação do 9º número da revista também foi noticiada no jornal *A Batalha*. Tal notícia especificava a revista *S. Paulo* como uma “iniciativa inteiramente nova na imprensa do Brasil” que, por meio “de excelentes fotografias e gráficos”, realizou

uma propaganda eficiente das riquezas e das realizações paulistas. Espelhando o progresso da terra bandeirante [...] No gênero, não há atualmente no país coisa igual. São Paulo é uma revista que se impôs definitivamente e está empreendendo uma notável obra patriótica (O OITAVO..., 1936, p. 2).

Jornais paulistas também avisavam sobre a venda da revista *S. Paulo* (1936). Uma matéria do *Correio de S. Paulo* ressaltou que:

Prosseguindo no seu propósito de dar edições cada vez mais belas [...] distribui hoje o seu 6º número, que em todos os sentidos, excede aos anteriores [...] essa publicação genuinamente paulista é um trabalho admirável, uma obra prima da arte tipográfica. A vida de São Paulo ali está condensada, numa primorosa síntese: fotografias, informações, estatísticas, trechos de prosa e vibrações poéticas [...] Hoje, mais uma vez, o público paulistano como o de todo o interior do Estado, terá oportunidade de adquirir um número dessa revista (S.PAULO, 1836, p. 3).

Nesse mesmo jornal, revista *S. Paulo* foi posta como veículo de informação que poderia “revolucionar a arte das publicações em nosso país” e “revelar ao mundo todo o progresso” paulista (9º NÚMERO... 1936, p. 8). Ao refletir “em suas páginas numa maneira objetiva, real e lógica”, o mensário paulista “tornou-se um formidável agente para a propaganda da nossa terra no estrangeiro e nos outros Estados” (9º NÚMERO... 1936, p. 8).

Como exposto aqui, a revista *S. Paulo* utilizou-se das fotomontagens de cunho político. Esse mensário foi amplamente divulgado por outros estados brasileiros e

⁶ Número avulso \$400 e assinatura anual 4\$000 no primeiro número. No segundo número não encontramos mais o valor da assinatura anual e, do terceiro número em diante a revista passou a ser vendida por 1\$000. No sexto número, a revista passa a ser vendida no Rio de Janeiro e em outros estados pelo valor de 1\$200, mas voltando a ser vendida pelo valor de 1\$000 em todo o Brasil.

internacionalmente, o que ensejava uma tentativa de divulgar a situação atual do estado paulista e lançar as bases para a campanha política para eleição de Armando de Salles que se daria no ano de 1937. Na análise desta revista, veremos como a estética moderna coadunava com as aspirações modernizantes almejado pelos idealizadores. Veremos, também, como essa bagagem cultural pretendia acessar o leitor através de diferentes elementos artísticos, particularmente na apropriação da fotomontagem.

Ciência e saúde: da Faculdade de Medicina à Secretaria de Saúde Pública do estado de São Paulo

Logo em seu primeiro número, os redatores da revista *S. Paulo* apresentam ao leitor uma matéria intitulada “Um dos aspectos da cidade universitária: a Faculdade de medicina” (UM..., 1936, p. 21). Na reportagem, os redatores informam ao leitor sobre os gastos públicos que o governo do estado de São Paulo dedicou a Instrução Pública. Apesar do tema da ilustração trazer exclusivamente imagens do Ensino Superior, o que nos deixou mais assombrados foi o fato de que as informações trazerem dados de todas as etapas do ensino, não exclusivamente com o investimento com o Ensino Superior e, em especial sobre os investimentos na Faculdade de Medicina de São Paulo, que de todo o modo, seria fundamental para proporcionar melhorias na saúde da população.

Os redatores ilustram a página com várias fotografias e uma fotomontagem. Tal composição buscou construir imagetivamente uma atmosfera de agitação e produção do conhecimento. Vejamos a ilustração:

Figura 1 – Faculdade de Medicina



Fonte – Revista S. Paulo, n. 1, 1936, p. 21-22

Ao observarmos a composição, saltam aos olhos as duas imagens inferiores que, diga-se de passagem, somente reproduzem homens brancos. Vemos, também, um desenho sob o ângulo aéreo da Faculdade de Medicina, o qual busca demonstrar a grandiosidade da edificação. No canto inferior esquerdo, é adornado com a colagem de um homem lendo com a mão levada ao queixo e ao fundo as imagens dos estudantes e da edificação. O sombreamento no rosto do leitor buscou imagetivamente fortalecer o ar de contemplação e a sensação de concentração, uma áurea enigmática e apoteótica do leitor, pois seria ele que – em sua solidão – refletiria sobre o pensamento científico ao folhear um livro. Tal composição, não é isenta de intencionalidade, pois ela reforçou a sensação de que é ali, onde a elite (branca) ocupa os espaços, seriam estes os verdadeiros pensadores e produtores de conhecimento, das ciências e os futuros combatentes das doenças infectocontagiosas.

Os textos na revista *S.Paulo* foram meramente acessórios às imagens. Ao reportar aos textos, vemos que os redatores se preocuparam em informa ao leitor sobre os investimentos estaduais na educação. No tocante ao Ensino Superior, principal espaço para o desenvolvimento da ciência, os redatores ressaltam que:

Coroando e completando, num vasto plano unitário, esse maravilhoso organismo, que abrange a totalidade do estado, como luminosa cúpula de um monumento de instrução e de cultura, alteia-se a Universidade de São Paulo, criação o atual governo. Nela pontificam luminares das ciências e das artes (UM..., 1936, p. 21).

Com essa composição reproduzida na figura 1, os redatores apresentaram um suposto “espírito universitário” que daria “um rumo novo à consciência estudantina bandeirante”, assim como ofereceria “um novo espírito de cultura destinado a influir [...] [na] nova mentalidade brasileira” (UM..., 1936, p. 21). Na referida matéria, os redatores listaram todos os professores estrangeiros “da mias alta projeção mental nos meios culturais do mundo” que criaram as cátedras na referida faculdade (UM..., 1936, p. 21). Vemos claramente o uso político da fotomontagem, de modo que o espaço de produção do conhecimento – a faculdade de Medicina – seria reflexo das ações do governo estadual mesclado com o ideário bandeirista, isto é, um pretense espírito bandeirante que se irradiaria de São Paulo para o restante da Nação.

O segundo número da revista nos apresenta outra composição bastante interessante. Nesta edição encontramos a matéria intitulada “Instituto de pesquisas tecnológicas”, uma das poucas reportagens que traziam o título traduzido para a língua inglesa. Também em página

dupla, a matéria foi montada através de colagens de quatro fotografias e dez lâminas de tecido celular de vegetal, as quais foram produzidas por imagem de microscopia ótica. Vejamos:

Figura 2 – Instituto de pesquisas tecnológicas



Fonte – Revista S. Paulo, n. 2, 1936, p. 7-8

Além de levar até o leitor algumas cenas dos ambientes e trabalhos científicos que eram desenvolvidos no interior do Instituto, a reportagem também buscou publicizar imagens que antes somente seriam capazes de serem observadas por profissionais especializados. Para verificarmos o impacto visual da revista, podemos dialogar com a concepção da técnica da reprodutividade apresentada por Benjamim (1955). Para o autor, o século XX se conformou como a era da reprodutibilidade, em que ocorreu uma mudança não apenas tecnológica, mas na forma de perceber e expressar o mundo. Para o autor, a reprodução atingiu um nível tal que conquistou o seu próprio lugar entre os procedimentos artísticos e publicitários. O autor verificou que a técnica da reprodutividade libertou o objeto reproduzido do domínio da tradição ao multiplicar o seu sentido, assim sendo, deslocou a arte da ocorrência única e a transferiram para a ocorrência em massa, em nosso caso, imagens produzidas no âmbito da botânica. E, por isso, entendemos que a técnica de reprodução permitiu que as imagens das lâminas de tecido celular vegetal fossem ao encontro de quem apreende e atualiza o reproduzido em cada uma das suas situações.

Apesar de a reprodutibilidade ser usual na arte, a técnica de reprodução publicitária foi uma novidade que reconfigurou os modos de ver e apreender os avanços científicos, peculiaridade do periódico analisado neste estudo. Como a revista *S. Paulo* interagiu com diversos campos – o literário, o político e o econômico – e, com várias formas de escrita – a

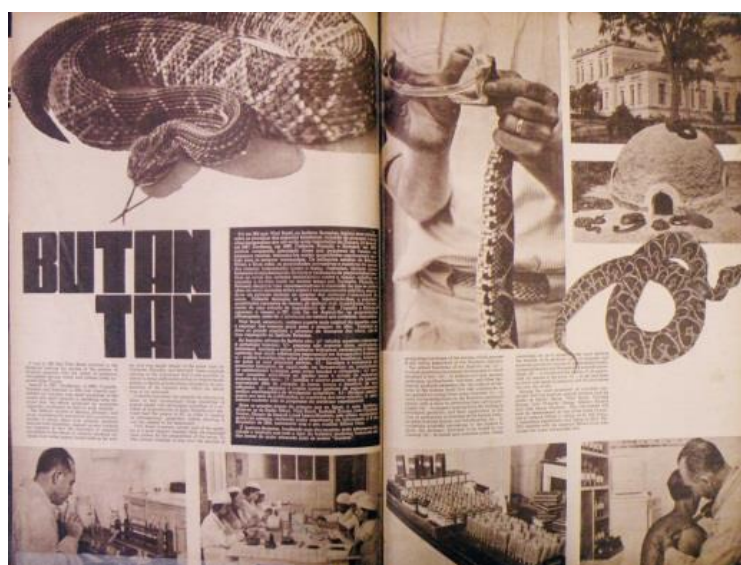
jornalística e a literária – e de linguagem – a verbal e a visual –, a reprodutibilidade técnica foi medular neste periódico.

Na composição reproduzida na figura 2, na imagem superior do canto direito visulalizamos um “observador diante do fotômetro de lâmpada fotoelétrica” produzindo as imagens das lâminas de tecido vegetal, as quais foram reproduzidas na matéria (INSTITUTO..., 1936, p. 8). No canto esquerdo inferior encontramos outro profissional manipulando reagentes químicos. Além de levar ao leitor estes trabalhos científicos, esse conjunto imagético tem outro objetivo, demonstrar ao leitor as realizações “do atual governo” que impulsionou a “nova mentalidade paulista” (INSTITUTO..., 1936, p. 8).

Além de informa imageticamente essas ações, a reportagem apresentou ao leitor quais seriam o objetivos do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). Entre os principais objetivos, selecionamos estes três: “realizar pesquisas de caráter experimental que possam interessar às indústrias”, “desempenhar a função de laboratório” e “ministrar aulas de laboratório” (INSTITUTO..., 1936, p. 8). Esses três objetivos reforçavam o tom propagandístico do Governo de Armando de Salles e o discurso bandeirista, em outras palavras, reforçaria o ideário de que os paulistas estariam embrenhados em uma nova mentalidade, a qual seria respaldada pela modernidade, pela ciência e pela produção de conhecimento.

O Instituto Butantan foi um tema de uma reportagem publicada no terceiro número da revista. Novamente nos deparamos com a tentativa de levar para o leitor atividades que somente poderiam ser vistas por profissionais especializados. Vejamos:

Figura 3 – Butantan



Fonte – Revista S. Paulo, n. 3, 1936, p. 21-22.

Para esta composição, o diagramador selecionou imagens que retratam o procedimento científico desde o cativo de serpentes, da coleta até a produção do soro antiofídico e a aplicação do antídoto em um paciente. Dentre as matérias trabalhadas até aqui, esta foi a que nos trouxe um texto mais denso e com tradução para o inglês, o que permitia a publicização das matérias para estrangeiros que estivessem por passagem pelo Brasil e, assim, poderiam conhecer um pouco mais sobre o progresso científico local.

O texto informativo narrou a trajetória dos principais cientistas que realizaram estudos sobre a imunização contra o envenenamento ofídico, inclusive contra os venenos dos espécimes de serpentes encontrados no Brasil. A reportagem deu especial atenção ao imunologista brasileiro Vital Brasil, inclusive pelo processo de dosagem dos soros desenvolvido por ele. Além do reconhecimento deste cientista, os redatores fizeram questão de recordar outros médicos que contribuíram com o desenvolvimento da ciência no Instituto Butantan, entre eles, Emilio Ribas, “Rudolph Krauss, João Florindo Gomes, Afranio do Amaral e José Lemos Monteiros, este último verdadeiro mártir da ciência, vitimado numa experiência de laboratório a 6 de novembro de 1935, juntamente com seu auxiliar Edison Dias” (BUTANTAN, 1936, p. 22).

Ao lado da Faculdade de Medicina, o Instituto Butantan iria preparar soros, antitoxinas bacterianas, vacinas e outros produtos biológicos necessários à defesa sanitária e terapêutica dos brasileiros. Além desses objetivos, esse Instituto “também realizará excursões científicas ao interior para o estudo de endemias”, assim como, “estabelecer contatos com os progressos da medicina experimental” de outros países (BUTANTAN, 1936, p. 22). As bandeiristas entendiam que o governo de Armando de Salles proporcionou uma verdadeira “Renascença Paulista” (EDITORIAL, 1936, p. 1).

Para representar esse momento, foi escolhida uma capa bastante sugestiva para o sétimo número da revista. Vejamos:

Figura 4 – Capa sétimo número da revista



Fonte – Revista S. Paulo, n. 7, 1936, capa.

A capa deste número foi ilustrada com uma fotomontagem de estudantes/pesquisadores em um laboratório manuseando microscópios em primeiro plano e, ao fundo, uma fotografia aérea do prédio da Faculdade de Medicina de São Paulo. A intenção de trazer essa composição para ilustrar a capa deste número reforçou o seguinte ponto; este periódico é uma fonte de divulgação da “renascença paulista”. Desde o editorial do primeiro número, os redatores apontavam que o momento econômico, político e cultural do estado deveriam ser entendidos como a “Renascença Paulista”. Com essa declaração, os redatores reforçavam que esse mensário refletiria o “gênio criador bandeirante” que “nasce da própria lógica deste instante” (EDITORIAL, 1936, p. 1). De acordo com os editores, seu valor não residiria “nas imagens que nele se refletem”, pois tudo seria “pequeno para [...] reproduzir a ação e o pensamento de uma raça de gigantes” (EDITORIAL, 1936, p. 1).

Não tem como negar que a fotomontagem foi determinante para que a revista *S. Paulo* pudesse ter um visual moderno, de forma que a qualidade de verossimilhança da fotografia criando novas imagens foi possível através das colagens como, por exemplo, a capa do sétimo número. Por essa razão, Takami (2008) considera que a estética da revista *S. Paulo* poderia ser aproximada da estética cinematográfica pelo uso da montagem. Consideramos

que o uso da montagem tinha objetivos bem definidos, ou seja, criar uma visualidade moderna de São Paulo em pleno processo de modernização, assim como divulgar esse mesmo processo de modernização como fruto da “Renascença Paulista” iniciada pelo governo de Armando de Salles.

Na revista *S. Paulo*, vemos através das fotomontagens como Lívio Abramo – o responsável pela diagramação – tinha total liberdade de composição para reproduzir uma realidade moderna da capital paulista. Esse argumento vem de encontro às considerações de Fabris (1987) sobre os interesses dos artistas das primeiras décadas do século XX. Segundo a autora, com o intuito de transmitir o significado de uma profunda mutação da sensibilidade face à revolução científica e mecânica, os artistas das vanguardas modernistas criaram “um novo código, capaz de dar conta dessa mudança, de instaurar uma nova relação com o público conscientizado da necessidade de um novo tipo de fruição” (FABRIS, 1987, p. 78). De acordo com a autora, a arte não poderia permanecer alheia a essa renovada atmosfera e, para acolher o mundo em sua complexidade dinâmica, esses artistas propuseram uma série de novos signos que fossem equivalentes àqueles da civilização industrial.

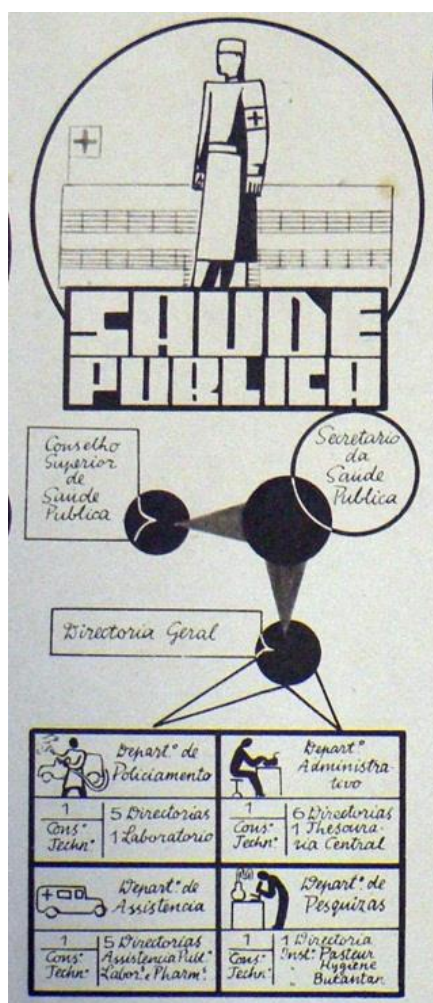
Por mais que os simpatizantes do Movimento Bandeira defendiam a supremacia do popular sobre o erudito, o discurso direcionado para a Saúde Pública reforçava a desqualificação do conhecimento popular. Isso não nos causa surpresa, visto que os integrantes do grupo eram todos herdeiros das teses sanitaristas do início da década de 1920. Outra característica dos Institutos patológicos e da Faculdade de Medicina, segundo os bandeiristas, seria o contato com as pesquisas realizadas em outros países, principalmente os países europeus, e sua utilização no Brasil. Essas ações – negar o conhecimento popular e importar o conhecimento científico – tinham o intuito bastante específico: sanear o elemento racial brasileiro. Essa perspectiva de saneamento da sociedade que nega o conhecimento popular estava bastante próxima das considerações defendidas por Elias (1994) sobre o “processo civilizador” ocorrido na Europa moderna.

Maciel (1999) considera que a ideia de um “processo civilizador” no Brasil expressou-se no ideal de branqueamento da população, o qual estava ancorado na crença de uma suposta “superioridade do branco europeu”. De acordo com a autora, esse ideal acabaria com as raças consideradas “inferiores” e, assim, resolveria o “problema brasileiro”. A autora lembra que outro aspecto do “processo civilizador” brasileiro, diz “respeito às chamadas

‘Campanhas Civilizatórias’ empreendidas pelas elites da República nas primeiras décadas do século XX” principalmente as sanitaristas (MACIEL, 1999, p. 128). No que diz respeito a análise do ideário eugênico dos bandeiristas a partir das observações da autora, concordamos com o segundo apontamento da mesma – Campanhas Civilizatórias –, o que não ocorre com o primeiro – ideal de branqueamento. Não podemos enquadrar a perspectiva eugênica dos “novos bandeirantes” com o ideal do branqueamento, pois eles eram herdeiros da valorização da miscigenação e da formação da Raça Cósmica, apesar de trazerem pessoas brancas para a ilustração das matérias.

Como veículo de divulgação dos feitos do governo paulista, a revista *S. Paulo* trouxe várias fotografias e ilustrações que pretenderam exaltar as ações da administração pública, dentre elas a Saúde Pública. A seguir, o recorte do referido mensário ilustra a articulação de várias secretarias do governo paulista voltadas para a saúde.

Figura 5 – Secretaria de Saúde Pública



Fonte – Revista S. Paulo, n. 10, 1936, p. 14.

De acordo com o recorte, a Secretaria de Saúde Pública do estado de São Paulo era dividida em Conselho Superior de Saúde Pública e Diretoria Geral. A Diretoria Geral era dividida em quatro departamentos: o Departamento de Policiamento com um conselho técnico dividido em cinco diretorias e um laboratório; o Departamento Administrativo com um conselho técnico dividido em seis diretorias e uma tesouraria central; o Departamento de Assistência com um conselho técnico dividido em cinco diretorias de Assistência pública, laboratório e farmácia; e por último, o Departamento de Pesquisa com um conselho técnico responsável pela diretoria do Instituto Pasteur, Higiene e Butantan. Os redatores exaltaram essas ações defendendo que todos esses departamentos concorreriam juntos para o saneamento e imunização, evitando assim, a difusão de doenças infecciosas. Observamos neste emaranhado de diretorias, secretarias e conselhos técnicos, um processo de modernização e burocratização administrativa do governo do estado de São Paulo.

Ao refletir sobre a função das secretarias de Saúde Pública do governo paulista, Maciel (1999) alerta para uma questão bastante importante. Segundo a autora, embora sejam distintas a Higiene e a eugenia, elas apareciam conjugadas e até confundidas no discurso eugênico brasileiro dos anos de 1920 e 1930. Os ideólogos eugenistas afirmavam que para higienizar o Brasil era necessário tomar medidas eugênicas, desta forma, saneamento e eugenia confundiam-se dentro do projeto geral para o progresso do País. Neste sentido, tomaremos emprestadas essas considerações para melhor compreensão de como os bandeiristas pensavam a Saúde Pública em consonância com o melhoramento racial brasileiro.

Os bandeiristas afirmam que uma das preocupações do poder público paulista em 1936 era o surto de febre amarela. Para combater essa epidemia, o governo do estado criou o Serviço Especial de Defesa Contra a Febre Amarela para auxiliar nas ações governamentais. Para tanto, foi contratado o cientista médico Henrique Aragão – chefe de serviço do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro – para orientar e dirigir, técnica e administrativamente o recém-criado departamento. De acordo com estes publicistas do governo paulista, o serviço prestado pelo gabinete do cientista carioca organizou informações epidemiológicas, pesquisas científicas, vacinação e demais medidas de profilaxia.

Segundo a imprensa bandeirista, no ano de 1936 ocorreu outros surtos epidêmicos: de escarlatina, de febre tifoide, de varíola e de difteria, todas elas exigem imunização da

população; e também uma epidemia de peste bubônica que necessitou de saneamento em várias partes da cidade. Segundo os noticiários, essas epidemias serão controladas pela Inspetoria de Moléstias Infecciosas e pelo Serviço Sanitário. No que refere à imunização da população, os bandeiristas incorporaram preocupações educacionais⁷ para defender que o combate as doenças infectobacteriológicas devem ser feitos através da imunização, não só como condição ao ingresso da criança na escola, mas desde os primeiros meses de vida. Além dessas medidas, a Secretaria de Saúde Pública também reservaria cuidados especiais contra doenças venéreas, da mesma forma, “contra o alcoolismo” visto como uma “doença social”.

Observamos através destes boletins informativos, que os bandeiristas misturam as ações práticas do governo com projetos futuros que poderiam ser tomados pela administração pública. De modo geral, o discurso higienista dos “novos bandeirantes” englobava a popularização da vacinação, o saneamento da cidade, campanhas contra doenças venéreas e o combate ao alcoolismo. Na outra ponta, os bandeiristas defendiam a vacinação obrigatória de todos os recém-nascidos como requisito básico para o ingresso da criança no sistema educacional, recurso este, que poderia erradicar determinadas doenças.

Como bem lembra Rocha (2011), já na Constituição de 34, nota-se que saúde e higiene social foram discutidas, tendo como patamar as ideias eugenistas. Ao levar em consideração que políticos paulistas participaram da laboração da Constituição de 1934, a adoção desses princípios no discurso bandeirista refletiria uma similaridade entre a política regional e a política nacional, assim como, um reforço à reincorporação de São Paulo no cenário nacional. Desta forma, observamos que a proposta de vacinar a população adulta e os recém-nascidos levaria a administração pública do estado de São Paulo a imunizar toda população contra epidemias que pudessem ocorrer. De modo geral, os “novos bandeirantes” entendiam que as ações administrativas propostas pelo governo paulista seriam exemplos a serem seguidos para o melhoramento da Saúde Pública Nacional, e acima de tudo, para o melhoramento racial do brasileiro. No segundo semestre de 1937, essas ações administrativas foram utilizadas para defender a candidatura de Armando de Salles Oliveira a presidência como o melhor caminho a ser seguido pela Nação.

⁷ Segundo Simone Rocha (2011), as ações educativas na década de 1930 estariam associadas direta ou indiretamente aos ideais de saúde, aja vista que um mesmo ministério, Ministério da Educação e Saúde, atenderia as necessidades dos dois órgãos.

Considerações finais

Essa revista foi um espaço de experiências estéticas inovadoras no campo publicitário brasileiro e, acima de tudo, um exemplo do uso político da fotomontagem. A revista *S.Paulo* apresentou um projeto artístico articulado a modernização paulista e, por isso, o uso de uma estética afastada das formas tradicionais de representação da realidade era necessária, a qual conferiria uma função social a arte: divulgar as ações governamentais de Armando de Salles no campo da saúde e no combate as doenças. O mensário buscava inserir uma nova realidade, onde o corpo editorial teria a obrigação de construir uma nova realidade paulista reforçando o ímpeto cientificista empreendido pelo governo de Armando de Salles como reflexo da grandiosidade do “espírito bandeirante”. Como visto, nosso trabalho trouxe à luz o ideário do Movimento Bandeira como mais uma experiência política na disputa pela ideologia vencedora na década de 1930. Ao contrapor o ideário bandeirista, as reportagens da revista *S.Paulo* e as imagens que ilustraram suas matérias, podemos observar a emergência dos preceitos da visualidade, isto é, a confluência entre o texto e a imagem – fotomontagem – na construção do sentido.

As estratégias utilizadas pelo periódico estabeleceram vínculos entre o governo armandista e os avanços científicos no campo da saúde. Para tanto, o corpo editorial apropriou-se politicamente das fotomontagens. Consideramos que quanto mais se unia escrita e imagem, mais o corpo editorial da revista – dois escritores verde-amarelos, um jornalista, dois fotógrafos e um ilustrador – se aproximou de uma concepção de arte que pretendia atingir um público maior. Consequentemente, as imagens unidas ao texto publicitário proporcionaram a elaboração de novas interpretações e cativaram um novo público.

Ao descobrirem novos mecanismos de divulgação de ideias e, aprenderem com eles sobre as possibilidades de sua apropriação, Ricardo e Picchia – os dois líderes bandeiristas – conseguiram expor um produto publicitário que se registrou na *práxis* da política e, por isso, apresentou uma nova natureza. Nesse sentido, os redatores se apropriaram dos mecanismos de reprodutibilidade técnica para reproduzir fotomontagens, as quais tinham a finalidade de ampliar sua recepção e o impacto no campo político. Como foi apresentada ao longo desse texto, a leitura da revista *S.Paulo* foi de suma importância para problematizarmos o processo de interação entre o ideário bandeirista e os usos das fotomontagens na propaganda política.

Ao examinar essa mensagem, foi possível enxergar que o uso da fotomontagem foi fundamental na revista *S. Paulo* para comunicar os feitos do governo estadual. Enfim, atentar para essa interação foi crucial para trazer à luz as estratégias visuais que esses sujeitos se serviram para defender seu ideário político-cultural em 1936.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

9º NÚMERO DA REVISTA “S.PAULO”. Correio de S.Paulo, ano 5, n. 1.343, São Paulo, 3 nov., 1936, p. 8.

ADES, Dawn. *Fotomontaje*. Barcelona: Editorial Gustavo GILI, 2002.

BARBOSA, Carlos. *Domínios da Imagem*, Londrina, ano IV, n. 7, p. 53-62, novembro 2010.

BATISTA, Marta. *Bandeiras de Brecheret: história de um monumento (1920-1953)*. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, 1985.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. Disponível em: <http://ideafixa.com/wp-content/uploads/2008/10/texto_wbenjamim_a_arte_na_era_da_reprodutibilidade_tecnica.pdf> Acesso em: 26 abr. 2021.

BERGER, John. *Para entender uma fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BUTANTÃ. *S. Paulo*, São Paulo, n. 3, 1936, p. 22.

CAMPOS, Maria José. *Versões modernistas da democracia racial em movimento: - estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

COELHO, George Leonardo Seabra. (2020). *Os “novos bandeirantes” em marcha: o jornal Anhanguera como expressão do ideário bandeirista*. *Estudos Ibero-Americanos*, 46(2), e34649. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2020.2.34649>. Acesso em: 27 mar. 2022.

COELHO, George Leonardo Seabra. *O bandeirante que caminha no tempo: apropriações do poema “Martim Cererê” e o pensamento político de Cassiano Ricardo*. 2015. 346 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

CUNHA, Ciro Vieira da. *O dever da imprensa*. Diário da Manhã, Vitória, ano 29, n. 3269, 24 abr., 1936, p. 1.

EDITORIAL. *S. Paulo*, São Paulo, n. 1, 1936, p. 1.

EDITORIAL. *S. Paulo*, São Paulo, n. 7, 1936, p. 1.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Trad. Ruy Jungman. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 277 p. (Vol. 2)

ESTÁ CIRCULANDO O NOVO NÚMERO DA REVISTA “S.PAULO”. Correio da Manhã, ano 35, n. 12.731, Rio de Janeiro, 16 mai., 1936, p. 3.

FABRIS, Annateresa. *A fotomontagem como função política*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742003000100002&script=sci_arttext> Acesso em: 08 abr. 2021.

FABRIS, Annateresa. Entre arte e propaganda: fotografia e fotomontagem na vanguarda soviética. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material* [online]. 2005, v. 13, n. 1, pp. 99-132. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-47142005000100004>> Acesso em: 10 ago. 2022.

FARIAS, Jonas. São Paulo. *Diário da Manhã*, ano 29, n. 3099, Vitória, 26 jan., 1936, p. 1.

GOMES, Ângela de Castro. O redescobrimto do Brasil. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado novo: ideologia poder*. Rio Janeiro: Zahar ed., 1982. p. 109-150

GRAVITOL, Kariny. *Viajante incansável: trajetória e obra fotográfica de Theodor Preising*. 2011. 158 f. Dissertação (Ciências da Computação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2011.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS. *S. Paulo*, São Paulo, n. 2, 1936, p. 8.

KLAUSS, Rosalind E. *The Originality of the AvantGarde and Other Modernist Myths*. Cambridge: MIT Press, 1985.

MACIEL, Maria Eunice de S. A Eugenia no Brasil. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/11/11art7.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

MARTÍN, Aida Serdio. Visualidade, produção de conhecimento e pedagogia do olhar. In: MARTINS; Tourinho (orgs.). *Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação*. Santa Maria (RS): Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013, p. 345-392.

MARINS, Paulo César Garcez. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 6/7. p. 9-36 (1998-1999). Editado em 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5359/6889>> Acesso em: 23 set. 2020.

MENDES, Ricardo, “A revista S.Paulo – a cidade nas bancas”. *Revista Imagens*, n.3, dez, 1994, p.91-97.

O OITAVO NÚMERO DA REVISTA “S.PAULO”. *A Batalha*, ano 4, n, 2101, Rio de Janeiro, 17 set., 1936, p. 2.

PUBLICAÇÕES. *Gazeta de Notícias*, ano 62, n. 268, Rio de Janeiro, 12 nov., 1936, p. 8.

REVISTA ILUSTRADAS S.PAULO. *Diário da Manhã*, ano 29, n. 3092, Vitória, 17 jan., 1936, p. 1

ROCHA, S. A educação como ideal eugênico: o movimento eugenista e o discurso educacional no Boletim de Eugenia 1929-1933. *Cadernos de Pesquisa: pensamento educacional*, Curitiba, v. 6, n. 13, p. 162-177, 2011.

SERDIO MARTÍN, Aida. Visualidade, produção de conhecimento e pedagogia do olhar. In: MARTINS; TOURINHO (orgs.). *Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação*. Santa Maria (RS): Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013, p. 345-392.

SILVA, Maria Cláudia Reis. *A fotomontagem no Brasil: um estudo das obras de Athos Bulcão (1952-1956)*. 2014. 155 f. Dissertação (Artes Visuais). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, Goiânia-GO, 2014.

TAKAMI, Mariana Castilho. Fotomontagem: ordem da subversão, análise da revista S.Paulo (1936). *Visualidades*, Goiânia, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18037>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

TAKAMI, Marina Castilho. *Fotografia em marcha: revista S.Paulo – 1936*. 2008. 247 f. Dissertação (Estética e História da Arte) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

UM DOS ASPECTOS DA CIDADE UNIVERSITÁRIA: A FACULDADE DE MEDICINA. *S. Paulo*, São Paulo, n. 1, 1936, p. 21.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *O Mito da Originalidade Brasileira: a Trajetória Intelectual de Cassiano Ricardo (dos Anos 20 ao Estado Novo)*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, PUC, 1983.